

Um Mapa Geoliterário para Tobias Barreto: Escalas Para Um Retrato

Armando Gens (UERJ/UFRJ)

Resumo: Este trabalho tem por objetivo a releitura do percurso de Tobias Barreto de Menezes (1839-1889) pelo campo literário brasileiro do Segundo Reinado (1840-1889). Do ponto de vista teórico, o mapeamento do percurso do poeta sergipano contará com as contribuições dos Estudos Culturais, a fim de trazer para o debate práticas, discursos e formas que moldam um escritor e determinam ritos de escrita e ritos genéticos em relação direta com o contexto biográfico. Em uma abordagem de tal natureza, terão, ainda, destaque as questões ligadas à identidade, ao lugar, à etnia, bem como as que dizem respeito aos critérios utilizados no julgamento de escritores com base na propalada “excelência literária”. Sem perder o foco do objetivo inicial, toma-se da Análise do Discurso o instrumental teórico que, por sua vez, possibilitará o exame da trajetória do autor de *Dias e Noites* (1881), tendo como diretrizes as dinâmicas de posicionamento, os processos de legitimação em campo literário, os espaços de enunciação, os modos de difusão das obras produzidas, as filiações, os gêneros literários e o germanismo.

Palavras-chave: Tobias Barreto; Poesia brasileira; Prosopografia.

1 A QUESTÃO ÉTNICA

Foram muitos os fatores que contribuíram, sobremaneira, para a divulgação de uma imagem equivocada de Tobias Barreto no palco das representações sociais, políticas e literárias. Dentre eles, destaca-se, em primeiro lugar, a questão étnica que já foi observada em diversos estudos sobre o poeta. Por exemplo: Mário Cabral, no artigo intitulado “Tobias Barreto, o poeta”, diz que o autor de *Dias e Noites* (1881) era “Mestiço e pobre, inteligente e culto, humilhado em sua condição social, preterido em seus direitos” (p.374); Paulo Mercadante, no livro *Tobias Barreto: o feiticeiro da tribo* (2006), ao referir-se ao poeta sergipano, destaca que era “pobre, pardo, sábio em latim e jurisprudência” (p.21); e Brito Broca, ao analisar o deslocamento de Tobias Barreto para Escada, realiza uma reconstituição fantasista da cidade na qual deixa entrever que os habitantes tratavam o “Dr. Tobias” como “o mulato empertigado” (1991, p.35). A referência à etnia de Tobias Barreto tantas vezes sublinhada pode ser entendida como ressalva e/ou exceção, porque reflete preconceitos fincados no determinismo racial que orientava a trajetória de afrodescendentes em um Brasil marcado pela escravidão. Os críticos, quando o classificam pelos padrões étnico-raciais, deixam-se guiar pela diferença e pela oposição, como bem demonstram verbetes de dicionários literários e obras biográficas.

Essa preocupação com o enquadramento étnico reflete, ainda, uma herança de um campo intelectual conturbado pelo qual Tobias Barreto transitou. No Segundo Reinado, visões monogenistas e poligenistas dividem as opiniões e avivam o debate sobre as raças cujas bases provinham dos estudos biológicos e frenológicos que reconheciam as diferenças raciais e acreditavam determinar a capacidade mental de mulheres e homens através da medição do encéfalo.

A esse respeito, vale lembrar a longa discussão travada entre Tobias Barreto e o Dr. Malaquias na Assembleia Provincial, por volta de 1879. Naquele espaço político,

o poeta sergipano defendeu o direito de Dona Josefa Agueda Felisbela de Oliveira estudar Medicina nos Estados Unidos, rebatendo com veemência os argumentos do oponente que, influenciado pela fisiologia, afirmara que a capacidade intelectual das mulheres era inferior aos dos homens. Marcado por tal discussão, expressou o poeta sergipano, no leito de morte, o desejo de que o Dr. Constâncio Pontual lhe pesasse o encéfalo (SILVEIRA, 1953, p. 211), o que denota a obstinada preocupação de Tobias Barreto em desautorizar uma concepção científica que estabelecia “a proporção entre a massa do cérebro e o grau de inteligência” e que se tornara um padrão para marcar a distinção entre os privilegiados geneticamente dos que eram considerados inferiores, a saber: mulheres e mestiços (BARRETO, 1990, p.168).

A posição assumida por Tobias Barreto, tanto na Assembleia quanto no leito de morte, pode ser tomada como uma evidência de que as teorias biológicas e a frenologia minavam as estruturas sociais e acadêmicas. As questões relativas às raças também propunham que se colocassem em debate as questões de gênero. Fica patente que Tobias Barreto, um pensador conectado com o conhecimento científico, tirava partido da biologia e da frenologia para combater uma questão maior: a exclusão em sentido mais amplo possível.

O certo é que o debate acalorado sobre as teorias raciais faz assomar um Brasil mestiço. Neste sentido, o papel de Sílvio Romero, embora com muitas ressalvas (MATOS, 1994, p. 111-121), será de importância capital, porque “encontrava na mestiçagem o resultado da luta pela sobrevivência das espécies, como estabeleciam as teorias deterministas da época” (SCHWARCZ, 1993, p.154). Se por um lado persistiam os estigmas raciais, o desenrolar dos debates sobre a miscigenação abre brechas na estruturação do tecido social que possibilitam o ingresso de afrodescendentes no quadro das profissões ditas liberais e/ou na carreira literária.

Com alguns dados oferecidos pelos biógrafos de Tobias Barreto, é possível esboçar a rápida trajetória do poeta sergipano por uma estrutura social que exigia um conjunto de práticas de ingresso em um campo a ser disputado com as elites. De acordo com os textos biográficos, Tobias Barreto, filho de Emerenciana Maria de Jesus e de um “escrivão-de-órfãos-e-ausentes”, cuja “serventia do ofício qualificava-o, no meio escravocrata” (LIMA, 1963, p.3), foi professor de Latim e, na qualidade de poeta, obteve consagração. Casou-se com Grata Mafalda dos Santos, filha do coronel João Félix Barreto de Vasconcelos. Formou-se em Direito. Manteve uma fiel amizade com Sílvio Romero e participou ativamente da Escola do Recife, tornando-se professor da Faculdade de Direito do Recife. O esboço do retrato de Tobias Barreto revela com clareza as práticas de inserção social e acadêmica de maior rendimento entre os afrodescendentes. A profissão exercida pelo pai e os veios comunicativos que ela possibilitava; o exercício do magistério como sobrevivência; os estudos superiores como legitimação de sua capacidade intelectual e instrumento de luta; o casamento como acordo social e econômico; a amizade de Sílvio Romero como apoio incondicional frente às contendas e adversidades; a Escola do Recife como grupo de irradiação de suas ideias; a Faculdade de Direito como espaço de sustentação institucional e consagração sob o alto preço das perseguições internas.

Como se pode observar, Tobias Barreto conseguiu furar o cerco das elites e a elas se impor. Sempre como deslocado, não recuara diante da luta pelos direitos humanos, porque trouxera para o plano da vida política e social o ideal condoreiro de ver e voar mais alto. Em 1889, doente, pobre e dependente da consideração de amigos e de subscrições para viver, expirou na residência de um discípulo. No final da vida, sob a forma de penúria, reaparece o estigma social; como prerrogativa, as honras dos que o admiravam e as inúmeras obras que constituem o seu legado.

2 EM TRÂNSITO

Se a questão racial interpunha-se nas aspirações de Tobias Barreto, sua trajetória demonstra que ele soube como ultrapassá-la. Com muito desembaraço, transitou pelo campo cultural brasileiro do Segundo Reinado e deixou claro que dominava práticas e dinâmicas que poderiam mudar a rota destinada, de antemão, a mestiços e negros.

Rever a trajetória de Tobias Barreto permite recompor um itinerário bem mapeado. De início, pode-se acompanhar o percurso deambulatório do poeta sergipano que, tendo nascido na vila Campos, passa períodos em Estância, Lagarto, Itabaiana, São Cristóvão, dando curso aos estudos ou exercendo o magistério. Para além das fronteiras sergipanas, visita Alagoas e transita pela Bahia. Já em Pernambuco, dedica-se aos estudos, ao trabalho e à vida intelectual, fixando residência nas cidades de Recife e Escada. De acordo com o mapeamento do périplo realizado por Tobias Barreto, tornam-se evidentes o temperamento inquieto do homem de letras, a importância das viagens como parte do processo de aprimoramento intelectual, e, ao mesmo tempo, nele se esboça a condição dramática daqueles que vivem no entre-lugar.

Do ponto de vista da mitologia pessoal, o deslocamento de Tobias Barreto no espaço prefigura o mito do judeu errante (por sinal, um tema de grande rendimento no Romantismo), “como o emblema dos povos proscritos, [...] ou massas oprimidas em luta contra a miséria” (ROUART, 1998, p. 670), ou em sua representação como “figura de luz” que “pode anunciar o advento de um tempo novo” (1998, p.670). Prenhe de simbolismo, o percurso realizado por Tobias Barreto comporta, ainda, os ecos do incansável périplo empreendido pelo Odisseu para retornar à pátria, o que, na perspectiva do deslocamento experimentado pelo poeta sergipano, representaria o desejo de encontrar um lugar no qual pudesse resolver a cisão entre homem e sociedade, com a qual tivera de lidar por toda a vida, a despeito do fascínio que exercera, especialmente, sobre jovens estudantes.

3 A RECUSA AO CENTRO

Tobias Barreto não era um homem de reverências. Suas atitudes e decisões durante a vida elaboram para ele um perfil que se tornaria efígie-símbolo da resistência. Ao recusar às posições centrais, rechaça a política de centralização do Imperador, defende a independência das províncias e descarta a Corte como único centro possível de desenvolvimento cultural. Por isso, quando a referência para os que desejavam aventurar-se na carreira de homens de letras era a cidade do Rio de Janeiro,

ele tomou a direção contrária. Devotando profundo desprezo pelo referido campo cultural, dirigiu severas críticas aos homens de letras que nele ocupavam posição de destaque. Mesmo tendo optado por outro centro -- Recife --, acabou criando uma estufa cultural na cidade de Escada, situada no interior de Pernambuco. Como forma de ascese, nela encanta-se, pois,

Em 1871, depois de instalar-se na cidade e iniciar-se na advocacia, em que se vira desde logo cercado pela antipatia de juizes e colegas -- dada a atitude superior e altiva com que os tratava ou que lhe atribuíam --, Tobias compra um prelo e se dispõe, com auxílio de um rapazola, a compor e a imprimir um jornalzinho, *O Republicano*, de caráter essencialmente político. Era o primeiro dos vários jornais que ali fundaria, todos de curta duração. (BROCA, 1991, p. 36)

As palavras de Brito Broca apresentam um Tobias Barreto como uma *persona non grata*, mas permite também entrever que o autor de *Dias e Noites* investe no local e faz de Escada um centro irradiador de ideias, apostando no papel pedagógico da imprensa, como um dos veículos de divulgação para o seu projeto político-cultural.

Nesta pequena cidade da mata sul pernambucana, em 1874, Tobias Barreto coloca em circulação um novo jornal, intitulado **Um Sinal dos Tempos**, impresso na tipografia de sua propriedade. A intenção do autor, ao fundar este jornal, era disseminar o germanismo no norte do país. Sem perder o foco de seu objetivo, no ano de 1875, voltou a editar e redigir um jornal, agora, escrito em alemão cujo título era *Der Deutscher Kaempfer*. Gênio inquieto, polemista de fôlego e brilhante orador, o “solitário de Escada” não mediu esforços para divulgar a cultura e o pensamento alemães no Brasil. Foi pensando na difusão do germanismo que fundou a revista *Estudos Alemães*, em 1881. Publicou artigos e ensaios em jornais da Alemanha e colaborou nos periódicos de língua alemã editados no Brasil, a saber: *Germânia*, de São Paulo e *Roseritz Deutsche Zeitung*, de Porto Alegre.

Conforme já se sublinhou, o mapeamento geográfico da trajetória de Tobias Barreto evidencia a opção por um roteiro que diverge daquele que a Corte ditava. Responde à política de centralização, elegendo Escada como espaço irradiador de cultura, bem como a transforma em um espaço de aprendizagem, já que os estudos alemães se deram na cidade que escolheu para estufa intelectual. Opondo-se a trajetos previstos, voltou-se para a cultura alemã, quando o padrão cultural brasileiro assentava-se nas bases da cultura francesa. De certo ângulo, o desvio de rumo deve-se ao fato de que o poeta radicado em Pernambuco nutrir uma clara aversão ao Rio de Janeiro, porque o imaginava como um “antro de mediocridades felizes” (LIMA, 1963, p. 211) com suas “capelas literárias” (1963, p.190), “sua maçonaria de elogios mútuos no domínio das letras” (LIMA, 1963, p.190). O Rio de Janeiro, de fato, conquistara uma liderança face à centralização política e administrativa do Império e se convertia em Meca para os homens de letras de todas as partes do Brasil que vinham ter ao Rio, na crença de que, nesta parte do país, as oportunidades eram bem maiores para a construção da carreira e havia mais facilidades de divulgação e publicação. Que homens de letras não desejariam ter sua obra e seu nome expostos em uma das

livrarias da Rua do Ouvidor, o endereço daqueles que se curvavam diante do poder de exposição das vitrines. Tobias Barreto, por certo, jamais se dobrou a esse centro de irradiação cultural.

Homem de coragem, de Escada, fustigava e abalava as estruturas fechadas da sociedade patriarcal com uma prensa e poucas caixas de tipos de letras. Através dos jornais impetuosos e contestadores, deixava clara a missão prometeica que tomara para si. A tipografia de sua propriedade demonstrava o quanto o pensador brasileiro tinha de independência. Ele mesmo redigia os jornais que eram impressos num estabelecimento que lhe pertencia, não tendo, portanto, que fazer qualquer espécie de concessão, permitindo-se corrigir, censurar e criticar a todos no seu melhor estilo, a saber, com veemência. Desse modo, isolar-se em Escada não teve a conotação de um isolamento, já que Tobias Barreto mantinha-se em evidência. Seu isolamento era um modo de enfrentar e desconstruir de forma objetiva as posições centrais.

Da permanência do poeta em Escada, infere-se que a cidade pernambucana configura-se como um espaço estratégico de onde ele pôde melhor articular o local e o universal em seus pronunciamentos e em suas ações positivas; muito embora, seja uma visão corrente entre alguns biógrafos de que a escolha por Escada tenha sido premeditada, já que a pequena cidade era, tão somente, um espaço para preparar o caminho que o levaria a ser eleito deputado provincial. Desta perspectiva, o nome da cidade volta a designar o objeto a que se refere em perspectiva figurada: uma escada, em uma escala, para as tribunas legislativas.

4 NO GERMANISMO

Ao dedicar-se ao estudo do alemão, Tobias Barreto tinha em mente a “ideia de uma sociedade de propaganda germânica e de uma internacional de literatura com sede na Alemanha” (LIMA, 1963, p.191). Fez do germanismo um projeto e da língua alemã uma passagem pela qual pôde entrar em contato com o pensamento que lhe permitira alargar os horizontes. O aprendizado da língua alemã remete a uma problemática identitária, pois a língua materna não o representa e, na língua alemã, ele encontra o outro que sempre foi. Assim, de forma objetiva, enfrenta o dilacerante conflito entre alteridade e identidade, entre sujeito e linguagem, entre unidade e diversidade. Ao se decidir pela língua alemã, Tobias Barreto parece comunicar a impossibilidade de agir politicamente, tendo por instrumento a língua materna, por que não via nela possibilidades de integração social e de renovação intelectual. Paradoxalmente, a língua alemã o isolava do grupo, mas, ao mesmo tempo, permitia-lhe ampliar o quadro cultural brasileiro do século XIX, promovendo um diálogo entre culturas não previsto pelas orientações centrais.

Abrigando-se na língua e na cultura alemãs, transformou-as em uma fortaleza da qual podia atacar a intelectualidade da Corte e desmerecer os homens de letras consagrados, como José de Alencar, Castro Alves e Joaquim Manuel de Macedo, que, para ele, não passava de um “escritor de futilidades” (LIMA, 1963, 2008). Em sua visão comprometida com pensamentos alemães, julgava os literatos da Corte como uma “espécie de antropoides” (LIMA, 1963, 2008). Contudo, para esses homens de letras

situados na cidade do Rio de Janeiro, Tobias Barreto e sua ação em prol do germanismo só lhes chegariam ao conhecimento quando Sílvio Romero publicou *A Filosofia no Brasil*, em 1878, estampando nas páginas de seu livro os valores, a qualidade e a importância de Tobias Barreto na cena cultural brasileira, através de um retrato pintado em vivas cores, no qual o apresentava como o fundador da filosofia e disseminador do germanismo no Brasil.

No que diz respeito ao bilinguismo no campo literário brasileiro, vale contrastar Freitas Valle (1870-1958) com Tobias Barreto, já que ambos optaram pelo exílio em línguas e culturas estrangeiras. Freitas Valle escolheu seguir a tradição, asilando-se na língua francesa. Nela escreveu poemas e, sob moldes aristocráticos, construiu seu palácio de Versailles, em Vila Mariana. Tobias Barreto recusou a tradição, passando a habitar na língua alemã. Nela compôs artigos, realizou estudos. Fez de Escada, Berlim. Diferiram, no entanto, no tipo de atitude que os levou a esse exílio linguístico. Para o sergipano, vivendo em Pernambuco, a língua alemã representava um instrumento de luta contra um estado de coisas que não o agradava; para o gaúcho de Alegrete, vivendo em São Paulo, a língua francesa simbolizava a defesa contra os ataques sofridos pela crítica a seu livro de estreia. De qualquer modo, são duas posições em que língua estrangeira transforma-se em espaço de enfrentamentos identitários e em modo de pertencimento.

5 NO CAMPO LITERÁRIO

Capturar o perfil de Tobias Barreto nas histórias da literatura não é uma tarefa da qual se consiga recolher farto material. Embora muito citado, especialmente, em índices onomásticos, os textos dedicados a sua obra são sempre muito reduzidos e, de modo recorrente, as vozes da crítica lhe atribuem uma posição não muito significativa no grupo dos poetas do século XIX. Em parte, a posição que lhe coube pode ser explicada do ponto de vista dos estereótipos e das visões canônicas legitimadas através dos tempos que as páginas da história literária brasileira veiculam e endossam.

Historicamente, a imagem do poeta Tobias Barreto ficou muito comprometida pelo modo com que Sílvio Romero procurou difundir-la no campo literário da Corte. Os biógrafos são unânimes em destacar que ele fora apresentado como superior a Castro Alves e Machado de Assis. Por certo, a comparação caiu como um meteoro no campo literário da Corte e foi tomada como provocação e prepotência. E se as intenções do “padrinho” eram as melhores possíveis, elas foram decisivas na elaboração de uma imagem negativa para o poeta sergipano e no desenvolvimento de uma impaciência crítica para com os poemas que escreveu.

Sílvio Romero, crítico viril e mordaz, tinha o gosto pelas polêmicas e não media conseqüências quando arquitetava provocações. Tendo apadrinhado Tobias Barreto, queria a todo custo torná-lo figura-referência no campo literário brasileiro do século XIX. Por isso, valeu-se da comparação com duas figuras de prestígio público para chamar a atenção para o solitário Tobias Barreto. Criara-se uma rixa. Porém, poeta sergipano, de uma forma nada positiva, ganhou a visibilidade que seu “padrinho literário” tanto desejara. Sem nunca ter vindo Corte, seu nome fora uma presença

constante nos debates instilados pela provocação lançada por Silvio Romero. Porém, tal expediente muito contribuiu para que se tratasse com desconfiança a produção poética do autor, quase sempre ocupando um lugar não muito significativo no conjunto de sua obra.

Da perspectiva literária, há que se admitir que a comparação de Tobias Barreto com Castro Alves pouco acrescenta aos estudos de ambos os poetas. Ocorre que, a contar pelo ano de publicação de *Dias e Noites*, 1881, a obra do poeta sergipano extrapola os conhecidos limites do movimento romântico e entra em circulação no período de vigência do Parnasianismo, o que compromete a recepção, uma vez que os critérios de julgamento e do gosto estético já não se balizam pelas convenções do Romantismo.

O único livro de poemas de Tobias Barreto, intitulado *Dias e Noites*, obteve ao longo do tempo umas seis edições (a sétima é de 1989), assim consignadas por Jackson da Silva Lima:

As três primeiras edições foram organizadas por Silvio Romero, através de editoras do Rio de Janeiro, respectivamente, nos idos de 1881(em vida do poeta), 1893 e 1903, sendo as duas últimas publicações póstumas.

[...]

Anos mais tarde (1925), por gestão do Governo do Estado de Sergipe -- Dr. Graco Cardoso, veio a lume a quarta edição, preparada por Oliveira Teles e, em 1951, apareceu a quinta, fruto da iniciativa particular do livreiro conterrâneo -- Simões dos Reis, que a editou no Rio de Janeiro. Mais uma vez, pelo Governo do Estado, na administração do Eng^o José Rollemberg Leite, publicou-se a sexta e última, em 1978. (LIMA, 1989, p.15)

A história das edições de *Dias e Noites* vem ilustrar com muita propriedade a relação que Tobias Barreto mantinha com sua obra. Primeiramente, nota-se que todas as edições em vida estiveram sob a responsabilidade de Sílvio Romero e que o crítico se sentia muito à vontade em corrigir, inserir e modificar os poemas, com endosso do mestre, amigo e afilhado literário (1989, p.17). Vê-se, nesta atitude, um misto de desapego e de extrema confiança por parte de Tobias Barreto; e, por parte de Silvio Romero, uma relação paternalista e livre de constrangimentos. Da conjunção de todos os fatores, a relação de confiança e amizade mútuas promove a descentralização da *persona* do autor. Os limites entre relações afetivas e obra se desvanecem para dar lugar a uma concepção de autoria e de “ritos genéticos” (MAINGUENEAU, 1995, p. 49) que se colocam fora dos quadros de propriedade: uma espécie “do que é meu é seu”. Porém, é importante saber que Tobias Barreto, em tese de concurso, “sugeri [..] que o direito autoral deveria ser classificado em primeiro lugar na seguinte ordem de categorias: 1º direito das pessoas, o direito das pessoas jurídicas inclusive e o direito autoral” (MERCADANTE, 2006, p.273).

As edições posteriores, a partir de 1925, foram patrocinadas pelo Governo de Sergipe e pelos órgãos oficiais, ou ainda pela iniciativa privada. Esses dados permitem observar que as sucessivas publicações de *Dias e Noites* desautorizam a suposta

classificação de “autor menor” atribuída a Tobias Barreto em campo literário brasileiro e, simultaneamente, atestam que a recusa à Corte não impediu que sua obra nela circulasse, já que, pelo menos, três edições (1881, 1893, 1903), sem contar com as das obras completas, foram realizadas por editoras fluminenses. Sem dúvida, a história das várias edições de *Dias e Noites* propõe uma revisão crítica da posição que Tobias Barreto ocupa e ocupou em campo literário brasileiro, não em termos de defesa mas, de redirecionamento interpretativo e contextual com base nas dinâmicas e práticas de circulação, divulgação e recepção.

Quanto às composições poéticas de Tobias Barreto, elas não devem ser avaliadas sem que o conhecimento das circunstâncias em que foram produzidas e divulgadas. Grande parte dos poemas fora publicada em periódicos como *Correio de Pernambuco*, *Correio Sergipano*, *Diário de Alagoas*, *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Recife*, *Revista da Semana*, *O Liberal*, *Jornal do Comércio*, entre as décadas 50 e 80 do século XIX, só aparecendo em livro, em 1881, o que, desta perspectiva, induz a pensar que o poeta sergipano não tinha intenções de preservar em livro a obra que se fazia na temporalidade das páginas dos periódicos, já que, com base nas informações dos biógrafos, todo empenho empregado na publicação dos poemas que declamou e expôs em jornais ficou a cargo de Sílvio Romero.

Torna-se importante sublinhar a presença de raízes populares na escala compositiva do poeta. Elas se manifestam nas composições em que oralidade se mostra em plenitude, seja porque foram declamadas, seja porque foram compostas na empolgação do momento. Entre os vários poemas que ilustram este viés da poética de Tobias Barreto, vale citar “Epicurismo”. Trata-se de um poema constituído por uma única estrofe de dez versos, a décima, forma bastante apreciada pelos cantadores nordestinos e pelos parnasianos, na qual se desenvolve uma temática clássica e filosófica em franca articulação com elementos do desengano. Confira-se:

Se as crenças são um engodo,
Se falha o verbo da fé,
Se o homem se acaba todo,
Com a matéria que ele,
Se o coração nada aspira,
Se este bater é mentira,
Se além não há desfrutar,
Dá vida a ideia suprema,
O grande, o sábio problema,
É viver muito e gozar.... (BARRETO, 1989, p.81)

Diante do exposto, a relevância para um redirecionamento interpretativo da obra de Tobias Barreto reside no traço popular e no caráter eclético que lhe atravessam a obra. Como bem demonstra o poema “Epicurismo”, as matrizes clássicas se cruzam com as matrizes populares e deslocam os poemas para fora dos quadros dos estilos de época. Em perfeita sintonia com o rico manancial da poesia clássica e popular, as composições poéticas traduzem muito bem o dialogismo, a polifonia e a preferência pelas redondilhas e pelas oitavas. Portanto, compreende-se que Tobias Barreto, através

de sua obra poética, opera em um campo etnográfico no qual a hibridização cultural e racial franqueia uma aproximação direta com o local e com o povo, como se pode observar nos seguintes versos: “Na selva longe entre espinhos/ Minh’ alma sonha e medita” (BARRETO, 1989, p. 259); “Tu és morena e sublime/ Como a hora do sol posto” (p. 280).

Conforme a crítica já destacou, não se encontra referência ao índio nos poemas de Tobias Barreto. Ao caminhar em direção oposta a certas orientações românticas, o poeta escapa do roteiro seguido pelos escritores nacionalista. Na qualidade de voz poética, investe no aqui e no agora, para cantar o presente. Através de elegias marciais, enfatiza o heroísmo que advém da ação bélica e dos soldados. Consequentemente, a imagem do brasileiro veiculada nos poemas de incitamento subverte a imagem que o configura como um ser dócil, e mostra-se combativa:

Guerreiro a morrer afeito
 Defende o Brasil, que é seu;
 A hora soa no peito,
 A cicatriz é troféu.
 Da pátria as manhãs coradas,
 As tardes acabocladadas,
 Flores, mulheres amadas,
 São estrofes de Tirteu... (BARRETO, 1989, p.141)

Se as elegias marciais criam áreas de interferência no código romântico, a apreensão da paisagem local nos poemas de Tobias Barreto não se dá de modo diferente. Tome-se, por exemplo, a longa composição, intitulada “Cena Sergipana”. A cenografia do poema evoca um franco diálogo da paisagem local com os impulsos eróticos e sensuais, estabelecendo certos pontos de contato com o Rococó. A relação entre pátria e “donzelas” se realiza em uma perspectiva viril, o que faz com que tal configuração se afaste da conhecida analogia entre o espaço de pertencimento e maternidade que esteve tão em voga entre os poetas românticos. Tampouco se trata de um poema de forte apelo patriótico ou saudosista, pois a voz poética já, nos primeiros versos do longo poema, diz: “Vede a bela miserável/ Da minha pátria... Ei-la aqui”. As marcas locais não são intensas. É o “quixabal”; são as “ramas do ingá”. Por fim, que importa, é a relação erótica que, embora tenha como pano de fundo a natureza, muito se afasta dos clássicos idílios que comparecem com muito rendimento nas composições do século XVIII:

Chega-se à margem sombria,
 As auras partem de lá;
 Rolam na relva macia,
 Trepam nas ramas do ingá...
 E, úmidas como o focinho
 De mimoso cachorrinho,
 Farejam-lhe a nívea mão,
 E vêm ganir-me ao ouvido,
 Como um quebrado tinido
 Das cordas da solidão... (BARRETO, 1989, p. 90)

Outro poema de relevância para o redirecionamento crítico da obra poética de Tobias Barreto intitula-se “Os trovadores da selva”. Mais uma vez, a cenografia do poema recorre à tradição, rearticulando o local e o universal, o presente e o passado, a partir de elementos da lírica trovadoresca. A voz poética descreve uma cena em que moças escutam um “rapaz” executar “silvestres canções”. Assim, ao optar por um modelo laico, aristocrático e intelectual (HAUSER, 1972, p. 305) acaba por corrompê-lo, quando reconstitui, em uma ambiência mais agreste, uma tensão entre “as raparigas” de “aqui” e “as virgens de lá”. Em uma clara referência às diferenças entre as mulheres do campo e as da cidade, o poema se converte em um veículo de aconselhamento moral e, ao mesmo tempo, faz uma apologia ao espaço ainda não corrompido pela licenciosidade urbana, através de um “hino” que será cantado pelo trovador e pelas raparigas:

Paixão da beleza,
Nos bailes acesa,
Da selva a simpleza
Mais bela não é?
Que importa esse encanto
D’um colo sem manto,
D’um rosto sem pranto,
D’uma alma sem é?

Que são vossas belas?
Nós temos donzelas
Mais lindas do que elas,
Mais virgens enfim:
Meninas caladas,
Bebendo toadas,
De peito choradas
Do meu bandolim...
E aqui no terrado,
Por elas pisado,
De lua forrado,
Dançamos também;
Mas tudo é candura,
Que aqui mão impura
Não pega em cintura,
Nem dá-se a ninguém (BARRETO, 1989, p.93)

Será, então, neste jogral a diferentes vozes que se observa o quanto era importante a vocalidade para dar conta de um projeto poético fundamentado no aqui e agora. Tobias era um professor, realizara estudos clássicos e, sem dúvida, conhecia os poderes e o alcance das vozes de autoridade em um projeto pedagógico. “Os trovadores da selva”, em perspectiva imediata, teriam como função zelar pela honra de suas virgens. Contudo, o papel dos “trovadores da selva” diz mais a respeito de uma ação cultural voltada para as massas do que para a preservação de hímens, pois, de acordo com Zumthor, “os jograis, os recitantes, os menestréis, gente do verbo formam a imensa maioria daqueles para quem a poesia se insere na existência social” (ZUMTHOR, 1993, p. 286).

É, justamente neste ponto que a crítica tropeçou. Tobias Barreto, em seu compromisso com a ação cultural, reapresenta o modelo do trovador e escolhe a poesia como um gênero que lhe permite falar ao povo e promover a coesão social (ZUMTHOR, 1993, p. 139). Seus sucessivos deslocamentos o qualificam como trovador, o intérprete do povo, pois, por onde passava, não perdia a oportunidade de fazer um poema. O momento presente, os acontecimentos históricos e sociais, os falecimentos, as paisagens, as mulheres, os eventos políticos logo viravam versos nos quais registrava o que poderia ser esquecido com o passar do tempo.

Diante da posição assumida pelo autor em relação à sua obra, o perfil do poeta sergipano vai adquirindo outros traços. Tobias Barreto, um homem de letras, mostrou saber integrar o papel do intelectual do Segundo Reinado com o de trovador. Valendo-se das possibilidades gráficas de seu tempo, reinterpreta uma figura da Idade Média para efetivar um programa de preservação da cultura local e de resistência aos fatores de desintegração cultural, no qual se articulam o oral e o escrito. Por isso, jamais se opôs às correções de Sílvio Romero, porque, na proposta do programa, a autoria era o que menos contava, pois, na qualidade de trovador, entendia que seus poemas fossem de domínio público. Nesta perspectiva, seus poemas comportam uma intervocalidade, que, na Edição Comemorativa, torna-se bem evidente, na exata medida em que os poemas se fazem acompanhar de notas relativas às variantes. É de se pensar que “essas diferenças possam medir a margem de liberdade deixada pelos textos à voz” (ZUMTHOR, 1993, p. 146-147) de seu “intérprete”.

Sem dúvida, os poemas de Tobias Barreto não fazem parte da série de textos que são reconhecidos como verdadeiros monumentos erigidos no centro do que se convencionou denominar a **Literatura**. Em seus poemas, avultam as “marcas linguísticas” a que Zumthor (1993) faz menção ao tratar da performance da poesia oral. O conjunto de poemas de Tobias Barreto revela o compromisso com a “vocalidade” e se presta a “intervenções dialógicas”, o que o aproxima da série medieval. Assim, prevalece uma voz poética que tira partido da “energia fática” para se comunicar com leitor-ouvinte: “Ouve” (BARRETO, 1989, p. 127); “Olhai...cadáver de braços cruzados!” (p.57); “Deixemos os louros” (p.112). Observa-se, então, que os estudos críticos acerca da obra de Tobias Barreto não dispensaram a merecida atenção às “possíveis gradações da inscrição vocal na escritura” (FERREIRA, 1993, p.288), à estreita relação entre oratória e poesia, às inserções de poemas em ensaios e às costuras entre o classicismo, o medievismo e o tempo presente. Sempre para fora das molduras e pronto a desautorizar posições centrais, o poeta sergipano combinou modelos de que dispunha e os adequou ao momento histórico-cultural e às tradições locais. Em seus dias e noites, fosse para divertir, fosse para ensinar, fosse para afirmar uma localização literária, fez largo uso da vocalidade; eco do orador nato que atraía ouvintes à livraria do Quintas, à Rua Nova, em Recife.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIEX, Anoar. **Um estudo sobre Tobias Barreto**. Rio de Janeiro: Presença, 1989. (Coleção Atualidade Crítica; 15)
- ATHAYDE, Tristão de. **Teoria, crítica e história**. Seleção e apresentação de Gilberto Mendonça Teles. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; Brasília: INL, 1980.
- BARRETO, Tobias. **Dias e noites**. Org. de Luiz Antonio Barreto. Introdução e notas de Jackson da Silva Lima. 7. ed. rev. e aumentada. Rio de Janeiro: Record ; Brasília: INL, 1989.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BROCA, Brito. **Horas de Leitura: 1ª e 2ª séries**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992. (Coleção Repertório)
- BROCA, Brito. **Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do Realismo ao Pré-modernismo**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1991. (Coleção Repertório)
- BROCA, Brito. **Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e Romantismo brasileiro**. Pref. de Alexandre Eulálio. São Paulo: Políis/INL/MEC, 1979. Coleção Estética v.1
- HAUSER, Arnold. **História social da literatura e da arte**. Trad. de Walter H. Greenen. São Paulo: Mestre Jou, 1972. Vol. I
- LIMA, Hermes. **Tobias Barreto (A época e o homem)**. Rio de Janeiro: INL, 1963.
- MATOS, Cláudia Neiva de. **A poesia popular na República das Letras**; Sílvio Romero folclorista. Rio de Janeiro: FUNARTE, UFERJ, 1994.
- MERCADANTE, Paulo; PAIM, Antonio (orgs). **Obras completas de Tobias Barreto: edição comemorativa**. Rio de Janeiro: Record; Brasília: INL, 1990. 4 v.
- MERCADANTE, Paulo. **Tobias Barreto: o feiticeiro da tribo**. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 2006.
- MERQUIOR, Guilherme. **De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira - I**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- ROUART, Marie-France. O mito do Judeu Errante. In: BRUNEL, Pierre (org.). **Dicionário de mitos literários**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio/UnB, 1998.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil- 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SILVEIRA, Junot. **O romance de Tobias Barreto**. Salvador: Edições Caderno da Bahia, 1953.
- VENTURA, Roberto. **Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- VERMES, Geneviève; BOUTET, Josiane (org). **Multilinguismo**. Trad. de Celene M. Cruz (et. al.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1989. (Coleção Repertórios)
- ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a "literatura medieval"**. Trad. de Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. Posfácio de Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.